

Para uma fenomenologia material da comunidade: apontamentos sobre a fenomenologia da vida em Michel Henry

For a community material phenomenology: notes on the phenomenology of life in Michel Henry

Symon Sales Souto

Doutorando em Filosofia pela UFSM
symonsalesouto@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa visa difundir a leitura que faz Michel Henry da experiência da alteridade tal como descreve Edmund Husserl na *Quinta Meditação Cartesiana*. Para tal, utilizamos o livro *Fenomenologia Material* do filósofo de Montpellier por se tratar de um contraponto direto à fenomenologia de Edmund Husserl, bem como, em seu posicionamento filosófico com respeito à experiência da alteridade. Veremos que ao pensar no *como* da manifestação do *alter* a partir da apropriação, parificação e analogia, Husserl não respondera, aos olhos de Henry, o que é o ser do *ego*, haja vista que a fenomenalidade de sua essência apreendida e captada dentro de um horizonte *ek-stático* de visibilidade é reduzida ontologicamente a uma presentificação de seu corpo físico, cuja essência, confiada à representação, espera nela ser confirmada, verificada, retificada, corrigida ou até mesmo anulada. À vista disso, Henry nos convida a repensar a ideia de comunidade a partir da *Fenomenologia Material* que nos proporcionará pensar uma comunidade real que, na imanência absoluta do devir fenomênico de seu ser, provam-se unidas no Fundo comum, uníssono tanto para um eu, quanto para um tu que, no excesso de si, experimentam-se a si mesmos neste Fundo real da vida em nós.

Palavras-chave: Comunidade; Intencionalidade; Alteridade; *Pathos-com*.

Abstract: *This research aims to spread Michel Henry's reading of the experience of otherness as described by Edmund Husserl in the Fifth Cartesian Meditation. To this end, we used the book Material Phenomenology by the philosopher of Montpellier as it concerns a direct counterpoint to the phenomenology of Edmund Husserl, as well as, in his philosophical position regarding the experience of otherness. We will see that when thinking about how to manifest the alter from appropriation, parification and analogy, Husserl did not answer, in Henry's eyes, what the ego being is, since, the phenomenality of its essence apprehended and captured within an Ek-static horizon of visibility is reduced ontologically in a presentation of his physical body, whose essence, entrusted to the representation, waits in it to be confirmed, verified, rectified, corrected or even annulled. In view of this, Henry invites us to rethink the idea of community based on Material Phenomenology that will allow us to think of a real*

community that, in the absolute immanence of the phenomenal becoming of his being, they prove to be united in the common Fund, unison both for a self and for a you who, in excess of themselves, experience themselves in this real Fund of life in us.

Keywords: *Community. Intentionality. Otherness. Pathos-com.*

O FRACASSO DO ACOPLAMENTO NA EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE HUSSERLIANA: SOBRE O PROBLEMA DA COMUNIDADE INTERSUBJETIVA

Entendemos, em especial a partir das *Meditações Cartesianas*, que, pela *epoché*, Husserl elimina eideticamente toda referência transcendente, restando-lhe no final deste percurso apenas “isso que me é especificamente próprio a mim em tanto que *ego* [*Das Mir-Eigene*]”, no entanto, comentando a respeito, Michel Henry se questiona: “o próprio em qualidade do próprio do *ego*, não é o *ego* mesmo?” (HENRY, 2009, p. 188). Se aceitarmos esta premissa, incorreríamos no solipsismo, logo, dentro do que me é especificamente próprio – esfera de pertença – deve ter lugar a experiência do outro. Nesta medida, Husserl teve de se esforçar para separar o *ego mesmo* de sua própria esfera de pertença, “vinculados ambos términos no enigmático ‘especificamente meu próprio como *ego*’, onde um deve fundar o outro sem que saibamos como o funda nem como pode, ao fundá-lo, não reduzi-lo a si” (HENRY, 2009, p. 188, grifos do autor).

Conforme entendemos, o *alter* doa-se ao *ego* original desposado de seu estatuto original, ou seja, “sua realidade é sempre constituída a partir de meu corpo próprio, de meu Eu posso, de meu *ego*” (HENRY, 2009, p. 190) e não de seu corpo próprio tal como se fenomenaliza a si mesmo enquanto absoluta presença de si enquanto tal, isto é, “estão despossuídos no sentido de que a aparição que serve de fundamento a seu ser e a sua compreensão é sua aparição nesse primeiro mundo que é sua própria esfera de pertença. ito de outro modo, são sempre e em todo caso, realidades constituídas” (HENRY, 2009, p. 190), haja vista que, os outros ali doados são, a *prima facie*, meras coisas despossuídas de seu estatuto original, que só lhes serão conferidos em analogia [*verähnlichende Apperzeption*] depois uma série de sínteses intencionais.

No tratamento da questão, Henry afirma que a matéria incandescente da fenomenalidade pura que, em sua autoafecção se doa em afetos, é concebida, na *Quinta Meditação Cartesiana*, somente após uma necessária transferência de sentidos desde o corpo próprio da subjetividade primeira em direção ao corpo de outrem na esfera de natureza primordial do *ego* transcendental. Ali, dois conteúdos dados na unidade de uma consciência transcendental aparecem como formando um par. É somente pela transferência aperceptiva — *Übertragung* — que o *ego*¹ consegue conferir o sentido de existência ao outro que se encontra no interior de seu conjunto assimilado. Porém, o outro que ali fora assimilante dentro da esfera primordial de pertença da subjetividade primeira, encontra-se desconexo do que constitui seu ser próprio, ou

1 O que Henry chama de *ego* operativo que, pelo método fenomenológico intencional, tem o seu sentido a partir de um *Ego* original que lhe confere sentido de ser essa unidade psicofísica inseparável de si (HENRY, 2009, p. 193).

seja, do movimento da Vida² que “como pulsão e como desejo à lança em direção ao outro” (HENRY, 2009, p. 207), isto é, está desligado de sua afetividade que, aos olhos de Henry, é o que constitui a sua essência mesma enquanto tal. Nesse sentido, acrescenta Henry, o corpo original, o eu posso radicalmente subjetivo, imanente em sua *ipseidade* é desconsiderado em detrimento de um corpo constituído que se mostra na esfera de pertença do *ego* primordial.

As considerações arroladas na *Quinta Meditação* “tratam-se de saber como este objeto intencional que me pertence pode, sem embargo, ser algo mais que ‘o ponto de intercessão de minhas sínteses constitutivas’; ser em certo modo irreduzível a meu ser próprio, realmente outro que eu, transcendente em relação a mim” (HENRY, 2009, p. 192). Porém, a resposta dada por Husserl implica diretamente no sentido mesmo da palavra outro, onde “*alter* quer dizer *alter ego* e o *ego* implicado sou eu mesmo” (HENRY, 2009, p. 193). Neste viés, a apercepção assimilante – *eine gewisse verähnlichende Apperzeption*, nos lembra Michel Henry que:

Encontra (na) acoplamento um termo que vai a desempenhar um papel relevante na experiência do outro [...] se trata de uma das formas primitivas da síntese passiva da associação em que dois conteúdos dados na unidade de uma consciência aparecem como formando um par, ou seja, se recobrem graças à imposição de um mesmo sentido objetivo [...]. A obra dessa associação de acoplamento consiste em transferir um mesmo sentido ao interior do conjunto acoplado e deste modo apreender um de seus membros segundo o sentido do outro. (HENRY, 2009, p. 195)

A degradação ontológica do *ego* transcendental de que falávamos, agora, apresenta-se como condição de toda e qualquer experiência da alteridade, pois o objeto assimilado é o *noema* de outrem com o próprio do *ego*; contudo, a experiência que o outro experimenta de si mesmo escapa à percepção direta do *ego primeiro*. Essa impossibilidade primordial, diz Henry, não se dá porque ele é um *alter*, mas sim porque é um *ego*, ou seja, uma subjetividade absoluta que, por princípio, escapa à totalização da intencionalidade. “De maneira mais explícita: porque a vida transcendental não permite, em qualidade de vivente, que se abra nela o menor distanciamento, é pelo que toda a intencionalidade [...] carece por princípio da capacidade de proporcionar acesso a esta vida” (HENRY, 2009, p. 200). Deste modo, o outro visto sob os aportes fenomenológicos da fenomenologia intencional:

Já não é mais esse Eu Posso radicalmente subjetivo, radicalmente imanente que sou eu, que se identifica com meu *ego* — menos ainda o que originalmente faz dele um corpo em sua corporeidade pura, como a *ipseidade* faz do *ego* originalmente um *ego* — mas, precisamente um corpo constituído, inerente à esfera de pertença que se mostra nela e não em si mesmo. (HENRY, 2009, p. 197)

Entendemos que Husserl quis salvaguardar a experiência do outro mediante a impossibilidade de alcançar, em si mesmo, a subjetividade de outrem. Todavia, “o valor existencial dessa apresentação”, dizia Husserl, “pode advir apenas de seu nexos constante

2 “La vida no es más que esto: Lo que se da a sí, o lo que es donado a sí, lo que se experimenta a sí mismo. Es porque la vida es lo que se experimenta a sí mismo en el vivir — auto donación y auto revelación— que cada una de aquellos en quienes la vida se cumple sabe que está en la vida, pero no lo sabe a la manera como conocemos las cosas del mundo. Cada uno sabe lo que es la vida porque la experimenta y por eso podemos hablar de ella” (ANGULO, 2011, p. 120).

com certas apresentações perceptivas, precisamente as desse corpo percebido” (HENRY, 2009, p. 201). Pensando nisso, concordamos com Henry que o *Eu posso* envolto nessa experiência permanece indeterminado em detrimento de uma percepção do *objeto* doado na irrealidade de uma comunidade intencional, logo, a comunidade real na qual eu estou-com-o-outro é superada por uma comunidade ideal, “uma projeção extática em que o movimento imanente da vida é arrancado de seu lugar de origem” (HENRY, 2009, p. 209).

É neste sentido que a *Fenomenologia Material* denuncia a experiência da alteridade tal como fora descrita a partir da *Quinta Meditação Cartesiana*. Aos cuidados de Michel Henry, essa experiência carece, por princípio, da capacidade de proporcionar acesso a esta Vida lida enquanto a “fenomenalização original da fenomenalidade do fenômeno, e assim de todo fenômeno concebível, sua realidade e o que a determina por inteiro” (HENRY, 2009, p. 187, grifo nosso). Com Husserl, nos diz Henry, a intersubjetividade viva e patética em primeira pessoa, na qual *ego* e *alter ego* encontram-se, cede espaço a uma experiência da alteridade de “uma coisa morta, cuja qualidade ‘psíquica’ não é mais que uma significação irreal associada a seu ser de coisa” (HENRY, 2009, p. 201). Em sentido oposto, Henry considera que não somos um conceito abstrato, mas um *Eu posso* na qualidade de um corpo original patético, de modo que a experiência da alteridade não deveria ser vista como um corpo para minha sensibilidade, mas um corpo original que, desde antes de sua aparição para mim, já estava ali, ele mesmo, tal como ele é em si: afetivo³.

A experiência da alteridade, atesta Henry, deve ser levada a cabo sempre sob a forma de um estar real com o outro que, em afetos, se tocam, se veem, se desejam, se ferem, se golpeiam, se apaixonam ou se odeiam. Com a fenomenologia intencional, no entanto, acrescenta nosso autor:

O desdobramento e desenvolvimento da inter-subjetividade patética concreta fica, portanto, regulado pelas leis da apresentação perceptiva e não pelas leis do *pathos* das subjetividades em sua co-pertência interna ao Fundo da vida: não são as leis do desejo e da realização, do sofrer e gozar, do sentimento e do ressentimento, do amor e do ódio, mas, uma vez mais, as da percepção, uma percepção que Husserl considera o princípio e o modelo de nosso acesso ao Ser, seja com respeito a nossa relação com o nosso próprio *ego* ou com o do outro. Fenomenologia da percepção aplicada à alteridade, no que ela tem de próprio e, diria eu, de monstruoso. (HENRY, 2009, p. 202)

Conseqüentemente, o fracasso com que se topa toda presentificação intencional da alteridade se divide em dois aspectos. O primeiro deles, conforme temos dito, consiste nesse sentido a ser buscado para mim do *ego* transcendental, pois, se assim o for, “ele já não é em mim essa ferida que eu sou ou a embriaguez de uma modificação real de minha própria vida transcendental: não é mais que uma irrealidade, o correlato de uma menção – *visée* – intencional” (HENRY, 2009, p. 205). A partir disto, um segundo aspecto negativo desta experiência se desdobra. Ela já não diz respeito mais a uma experiência real — em primeira pessoa — entre as mônadas, ou seja, não diz respeito

3 O grande problema não só de Husserl, mas de todas as teorias do corpo é considerá-lo como um “corpo constituído por e para minha sensibilidade, ou seja, que se refere a esta e a supõem, que supõem um Corpo original que assume sempre a última doação” (HENRY, 2009, p. 197).

a uma comunidade viva e real interpatética, pois a comunidade intencional substitui as mônadas reais por suas representações na esfera de pertença do *ego* e, ao reduzi-las, “cada ‘mônada’ se encontra de fato desligada do que lhe é mais próprio”.

Assim, podemos inferir que o *ego*, segundo Henry, tem sua raiz na Vida e só pode ser compreendido a partir dela. À vista disso, apenas sob o seu Fundo, isto é, pela vida que um ser está com o outro, “pois é somente no interior de uma tal esfera, em um primeiro Fora, que a intencionalidade pode operar” (HENRY, 2009, p. 206, grifo do autor) e, nesse sentido, indica o filósofo de Montpellier que, “a comunidade intencional não pode ser um nada” (HUSSERL, §56, p. 195 apud HENRY, 2009, p. 2006). Porém, em que consiste esse Fora que se lança à intencionalidade e lá encontra-se com os demais *egos* viventes? No tratamento da questão, Husserl considera que:

No sentido de uma comunidade humana e no sentido de *homem*, que, na sua singularidade, traz já consigo o sentido de membro de uma comunidade [...] reside um ser-um-para-o-outro-mútuo, que envolve uma equiparação objetivante do meu ser-aí e de todos os outros: portanto, eu – e qualquer um – como homem entre outros homens. (2001, §56, p. 168, grifos do autor)

Ao contrário de Husserl, Henry considera que é precisamente na vida e apenas nela, graças a sua autoafecção constante de si mesma sem poder distanciar de modo algum de si, que nasce uma subjetividade absoluta, seja ela *ego* ou *alter ego*. Sua experiência é imanente, em primeira pessoa que, suportando-se a si mesma, carrega seu próprio peso (HENRY, 2009, p. 207). Nesse sentido, o Fundo da vida nada pediria à intencionalidade e, tampouco, seria dependente de uma equiparação objetivante para ser como tal. Segundo ele, uma experiência real da alteridade se constitui fora da intencionalidade, fora de toda representação, fora de toda percepção assimilante, pois, antes de captar-nos intencionalmente, nos afetamos mutuamente em *pathos-com*, ou seja, no sentido de um estar real com o outro na afetividade transcendental da vida em nós. Nela somos com o outro: “a mãe e o filho, o hipnotizador e o hipnotizado, amante e amado, analisado e analista, etc.” (HENRY, 2009, p. 204).

Assim, a comunidade de viventes é feita de relações. No entanto, tais relações seriam superestruturas dos viventes na vida, ou seja, “quando os viventes se olham, se representam e se pensam cada um como um *ego* ou como um *alter ego*, nasce uma nova dimensão de experiência que deve ser descrita segundo seus caracteres próprios. Não obstante, não é mais que uma modificação, ou melhor dito, uma superestrutura da relação dos viventes na Vida” (HENRY, 2009, p. 231). Nesta perspectiva, tanto o *alter* quanto o *ego* não devem ser vistos como uma mônada fechada, mas como um *eu-com-o-outro-originário* que partilham suas relações intersubjetivas neste Fundo comum, uníssono tanto para um *moi* quanto para um *soi*. Sobre o Fundo, diz Henry que “o olhar é em si mesmo um afeto, de modo que pode ser um desejo. É por isso, em todo caso, que olha o que olha, buscando indefectivelmente ver o que quer ver. [Nesta medida], há sempre no ver um *não-ver* e, deste modo, um *não-visto*, que o determina por inteiro” (HENRY, 2009, p. 232, grifo nosso).

PATHOS-COM: APONTAMENTOS PARA UMA FENOMENOLOGIA DA COMUNIDADE

A partir do que fora dito, Henry entende que a ideia de comunidade – lida como uma esfera de vinculação intersubjetiva – ainda que pensada como um conjunto de *mônadas* pressupõe, de um lado, seus membros e, de outro, a ideia de algo que lhes está em comum (HENRY, 2009, p. 201). Conforme vimos, aquilo que nos é comum, diz Henry, é a Vida cuja afetividade nos é sentida no corpo próprio e, por conseguinte, sua representação é secundária. Esta vida é *de todos e de cada um de nós*, ou seja, *ego* e *alter-ego* possuem um nascimento comum, uma mesma essência e é por meio dela que se comunicam. Nesse sentido, a respeito da experiência da alteridade, nosso autor considera que as subjetividades, isto é, cada um dos membros da comunidade relaciona-se um com o outro na Vida e, nesta medida:

Nesta experiência primitiva apenas pensável, posto que escapa a todo o pensamento, o vivente não é para si mesmo nem mais que o outro, não é senão uma pura experiência, sem sujeito, sem horizonte, sem significação, sem objeto. O que ele experimenta é identicamente ele mesmo, o Fundo da vida, o outro enquanto que ele é, também, este Fundo, ou seja, experimenta o outro no Fundo e não em si mesmo, na qualidade da própria experiência que o outro faz do Fundo. Nesta experiência o outro tem o Fundo nele como o *eu* tem o Fundo nele. Mas isso nem o eu e nem o outro podem representar. Daí que um e outro estejam abismados no Mesmo. A comunidade é uma torrente afetiva subterrânea e cada um bebe aqui a mesma água desta fonte, e nesse poço que é o mesmo – mas sem sabê-lo, sem distinguir-se de si mesmo, do outro e, tampouco, do Fundo. (Henry, 2009, p. 231)

Há, nesta perspectiva, um só modo de revelação, uma só esfera de vinculação intersubjetiva, essencial a todos, sendo ela própria autorrevelação e, a partir deste fundo comum, formamos o elo vivencial com o outro mediante a partilha afetiva. Ou seja, essa vida é “o que constitui a essência de toda comunidade possível, o que está em comum” (HENRY, 2009, p. 212). Deste modo, antes de passarmos pelo crivo da razão já somos. Assim, a experiência da alteridade, ao invés de ser pensada mediante uma relação de acoplamento, se daria por meio de uma vulnerabilidade afetiva, isto é, o outro se aloja em mim não como intruso, mas sim como afeto. Provamos o outro em afeto porque ao nascermos nossa relação com o outro se tece e se vive em *pathos-avec*.

Com Henry, a ação intencional é decorrente de um poder ainda mais originário, a saber, de uma afecção que no excesso de si nos deixa sem poder fugir desse abraço patético e, nele, nos sucumbimos. Na e pela Vida somos. Destarte, a prova de si nos impulsiona irrecusavelmente a interagir com o fundo afetivo pelo qual o outro se revela. Comentando a respeito, Wondracek considera que “a relação entre [egos] e, consecutivamente, a noção de alteridade, se instaura na passibilidade do si e na impossibilidade de fugir do afeto que afeta, na total identidade entre ambos” (WONDRACEK, 2010, p. 67). Assim, a comunidade interpatética, ao invés de se estabelecer mediante uma relação de acoplamento:

Efetiva-se numa vulnerabilidade originária. Uma vulnerabilidade que não é patológica; antes é constitutiva do humano. Porque apenas nessa vulnerabilidade originária o afeto pode aparecer em toda a sua fenomenalidade pura, pode anunciar-se. E essa é a questão da Fenomenologia da Vida: se esse anúncio me fragiliza, pois não posso tomar posição em relação ao seu aparecer, ele também me enriquece, pois apenas nele sou de um outro modo de ser; com o outro sou

em acréscimo de mim. (HENRY, 2006, pp. 19-20)

O ser vivo, visto a partir do monismo ontológico e, em especial, como correlato de uma consciência é, portanto, uma forma carente de um conteúdo que só é dado mediante um poder ainda mais originário, a saber, a matéria incandescente que em seu puro aparecer doa a si mesma em seu *pathos*. É neste sentido que a *Fenomenologia Material* versa uma *Fenomenologia da Vida*, cujos pressupostos que a sustentam, nos permite afirmar que a doação ôntico-noemática do outro é dependente de uma primeira doação ontológica da vida no vivente. Noutros termos, sua doação intencional como doação em mim devido uma necessária transferência de sentido, deixa escapar o essencial de sua coisa mesma, a saber, sua essência pura enquanto tal.

É somente na vida que estabelecemos as relações entre viventes, entendendo-as como uma superestrutura da esfera de pertença na qual as subjetividades absolutas entram em relação, mas não por um olhar intencional, haja vista que a vinda da vida a si mesmo é o que os membros da comunidade têm em comum, sendo ela o meio pelo qual os viventes se olham, se tocam, se relacionam. A partir disto, conceber o outro mediante sistemas constitutivos e não como um ser singular em sentido radical, mergulhado na Vida, irreduzível a qualquer outro, caracterizar-se-á, aos cuidados de Henry, como barbárie⁴. É desse modo, por conseguinte, que a *Fenomenologia Material* tem por objetivo falar do outro, da vida, sem com isso afastar-se do real, sem encarcerá-lo na subjetividade ou em uma constituição mediante emparelhamento, esquecendo-se da sua condição imanente, singular, irreduzível a qualquer outro.

A vida é subjetividade absoluta. Ela se experimenta a si mesma e não é outra coisa que isso, o puro fato de experimentar-se a si mesma imediatamente e sem distância; contudo, sua existência se dá sob o Fundo de uma comunidade possível:

Eis, pois, o que constitui a essência de toda a comunidade possível, o que está em comum. De forma alguma uma coisa a não ser esta doação original em qualidade de autodoação, a experiência interior quem tem de si tudo o que está vivo e que está vivo unicamente em e por esta experiência que tem de si. (HENRY, 2009, pp. 211-212)

Neste viés, caminho algum conduz à vida senão a vida mesma, nada advém a ela senão por ela mesma, logo, a vida não é uma coisa banal, mas a condição de possibilidade *essencial* dos viventes; porém, “o que significa na vida essa proliferação de viventes na e pela vida?” (HENRY, 2009, p. 212).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme viemos observando, a “fenomenologia hylética de Michel Henry, que parte de uma *imanência do viver-se e sentir-se*” (WALDENFELS, 1997, p. 22, grifo nosso), denuncia esse invisível⁵ que, não sendo capaz jamais de ser tocado no interior de si, desvela-se no interior de *soi-même*. Assim,

4 Cf. HENRY, M. *Barbárie*. São Paulo: É realizações editora, 2012.

5 “A ‘maneira’ pela qual o Interior revela-se a si mesmo, a vida se vive a si mesma, a impressão se impressiona imediatamente a si mesma, o sentimento se afeta a si mesmo — precedendo todo o olhar e independente dele —, é a Afetividade. Assim, defrontamo-nos com uma primeira formulação de grande equação Kandinskyana que

o que a intencionalidade, e de maneira particular à percepção, lhes resulte impossível por princípio alcançar o ser real do outro, não é só a afirmação central ainda não elucidada da *Quinta Meditação cartesiana*, cuja afirmação supõe um contrário para o conjunto de pseudo-soluções demandadas de dita percepção. (HENRY, 2009, p. 205)

Michel Henry afirma que os sujeitos viventes desta comunidade são subjetividades absolutas que dela participam, pois se experimentam a si mesmos no *pathos* de sua afecção, isto é, ancorados à prova que sentem na e pela vida. Nesta medida, o que é comum aos membros dessa comunidade de viventes é “a experiência interior que tem de si tudo o que está vivo e que está vivo unicamente em e por essa experiência que tem de si” (HENRY, 2009, p. 212). É, pois, radicalizando o conceito de imanência como a insuportável carga da vida estreitada a si que Michel Henry nos oferece uma explicação com respeito à inacessibilidade primordial da *vida* de outrem na experiência da alteridade. Segundo ele, essa inacessibilidade não se dá porque outrem é um *alter*, mas sim porque diz respeito ao ser que jamais havendo distância alguma de si, jamais pode ser visto no absolutismo de sua doação de si, desvela-se na absoluta presença de *soi-même*. Nas palavras de Henry:

O *Hic* é a ipseidade da subjetividade. O que caracteriza dito *Hic* é 1/ que jamais pode ser visto porque na *ipseidade* da subjetividade – isto é, na subjetividade – não há distância alguma, nem o menor distanciamento de onde possa deslizar-se um olhar; 2/ não sendo jamais visto, não é visto em modo algum, nem como um ali abaixo, um *illic* qualquer, nem como um pretendido *hic*, que poderia converter-se nesse *illic*. O *Hic* absoluto é indeclinável e nada pode, em qualquer caso, trocar seu lugar com ele; 3/ não sendo visto porque não está jamais em um mundo, porque não se mostra no *ek-stasis* do Ser, porque não é um fenômeno no sentido da fenomenologia, no sentido grego, o *hic* escapa ao mesmo tempo ao conjunto das categorias que pertencem a este mundo e repousam nele. Por exemplo a intencionalidade. (HENRY, 2009, p. 215)

A experiência da alteridade, conforme descrita na Quinta meditação Cartesiana, se constitui mediante a percepção do corpo físico – *Körper* – na esfera primordial de pertença do *ego* transcendental. Nesta experiência, a vida de outrem é apenas *re-presentada*, pois, se assim não fosse, o *alter ego* se dissolveria no “*especificamente meu próprio como ego [Das mir als ego spezifisch Eigene]*” (HUSSERL, 1985, § 44, p.154). Visto sob esse ângulo, diz Henry que o outro torna-se “reduzível ao sentido e expressão em termos de sentido” (HENRY, 2009, p. 220). Dito de outro modo, não se trata de uma experiência de alteridades doadas em uma comunidade real onde o ser, no devir fenomênico autônomo de si, escapando por princípio à intencionalidade, fenomenaliza-se como a “*ipseidade* e a *ecceidade* absoluta da subjetividade da vida” (HENRY, 2009, p. 220).

A fenomenologia intencional, portanto, ao nos impossibilitar de sair do *ego* transcendental em sua esfera de propriedade, exige que falemos de uma experiência da alteridade a partir de uma determinação negativa, isto é, a partir de uma *acessibilidade* intencional *do que é originalmente inacessível*. Nesta medida, considera Henry que

sustentará sua obra quanto sua pesquisa teórica: *Interior = interioridade = vida = invisível = pathos*” (HENRY, 2012, p. 15, grifos do autor).

“longe de poder localizá-la sobre uma base nova, não faz, pelo contrário, mais que reinscrevê-la no velho domínio da relação sujeito-objeto – da intuição e sua replicação e, mais usualmente, de análise noético-noemático” (HENRY, 2009, p. 209). Em outras palavras, as subjetividades participantes desta comunidade intencional “são sujeitos vazios em um conteúdo morto de uma representação” (HENRY, 2009, p. 202).

O Fundo comum a partir do qual interagimos se deve, portanto, ao fato de que a Vida “ao arrojá-la em si mesma, o arroja nele” (HENRY, 2009, p. 230), ou seja, tenho a prova da vida em mim como o outro a têm em si. Somos neste Fundo da Vida que não é anterior, não é aquém, não é além e, tampouco, detrás do sujeito. À vista disto:

O paralogismo da *Quinta Meditação* consiste no seguinte: descreve a experiência do outro a partir da percepção objetiva do seu corpo e dá por sentada essa constituição intencional como a explicação de tal experiência, quando do que se trata é de explicar dita constituição em seu último motivo e, deste modo, captá-la em sua possibilidade mesma. Se dirá que a fenomenologia desconfia das explicações últimas, dedicando-se em primeiro lugar ao problema da descrição. Mas uma descrição que deixa escapar o essencial da ‘coisa mesma’, neste caso o *pathos* de toda intersubjetividade concreta, não pode legitimar-se nem sequer sobre o plano da facticidade. (HENRY, 2009, p. 208)

O Sujeito experimenta-se a si mesmo no Fundo da vida. O outro, tal como eu, também tem o Fundo nele e, nesta medida, somos capazes de *com-partilhar* as nossas dores, alegrias e emoções; de desejar o corpo dos amantes, de querer tocá-lo, ali onde ele sente a si mesmo. Assim, ao dizer que uma comunidade não pode ser um nada, acreditamos que Michel Henry, afastando-se da comunidade ideal doada sempre em correlato intencional, nos fala de uma comunidade que se vive e se tece em afetos. Uma comunidade real de “inteligibilidade onde tudo o que é, é inteligível aos outros e a si mesmo sobre o fundo dessa inteligibilidade Primordial que é a do *pathos*” (HENRY, 2009, p. 132). Assim, conclui nosso autor que:

Desde que o homem já não está encerrado em si mesmo em uma pseudo-interioridade como em uma caixa que não podia sair, desde que é compreendido como um ser-no-mundo e, deste modo, lhe cabe as coisas, cabe os outros e com eles, o problema da alteridade está resolvido, ou melhor, parece que nunca se constituiu um problema, salvo se excetuarmos as construções tortuosas das especulações desajeitadas. O *Dasein* é enquanto tal um *Mit-sein*. (HENRY, 2009, p. 218)

Conforme temos falado, a relação entre vida e viventes não se caracteriza como uma adição qualquer, ao contrário, os membros da comunidade, com relação a sua essência, são algo intrínseco e, por esta razão, levam o título de subjetividades absolutas entendendo, é claro, a radicalidade adquirida na *Fenomenologia Material* do conceito de absoluto que já não designa o ser visto enquanto tal sob a vista de uma *cogitatio* real, mas a absoluta autopresentação do ser na imanência de seu devir fenomênico de si. Nesta experiência singular e radial, nasce de maneira necessária e em cada caso um *ego*, um indivíduo no sentido transcendental, no sentido do que pode e deve primordialmente ser como tal uma imanência absoluta. Assim, cada *subjetividade*, insistimos, sente a si mesma sob o Fundo deste Poder sentir-se a si mesma que é o *Pathos*.

Pensando nisso, considera Henry que a tentativa husserliana de tentar estabelecer uma relação hierárquica entre as subjetividades na esfera de pertença do *ego* não dizem respeito às leis do *pathos-com* das subjetividades absolutas em sua co-pertença ao Fundo da Vida, tendo em vista que “oculta a substância concreta da vida interpatética – talvez porque se trata de um olhar intencional, porque é um olhar” (HENRY, 2009, p. 188). Deste modo, o aparecer originário primeiro da subjetividade como *ipseidade* reformula, portanto, não só o estatuto ontológico subjetivo, mas a partir dele, implica no Fundo comum em que cada um tem a possibilidade de experimentar-se a si mesmo. Conforme pontuamos, a essência da vida é o que faz, em cada caso, um vivente em uma comunidade real. Assim, a comunidade intencional “não pode produzir-se na medida em que, como correlato da intencionalidade e como sentido noemático, um *ego* — o outro ou o meu — é uma irrealidade, pois não leva em si em caso algum a realidade da vida na efetividade de sua autoafecção” (HENRY, 2009, p. 222). Em sentido oposto, a *Fenomenologia Material* radicalizando o conceito de *subjetividade* radicaliza, por conseguinte, o conceito de comunidade.

Conforme viemos trabalhando, o processo de fenomenalização da fenomenalidade pura enquanto tal implica a ideia de algo em comum para que, nesse Fora comum, minha *egoidade* possa estar com o outro; no entanto, não se trata de um Fora ideal onde só é possível intuir o *alter-ego* como existente a partir de uma apercepção análoga. Ao contrário, trata-se de um Fora onde outra *ipseidade* bate a minha porta, me afeta, me faz chorar, me alegra, que comigo *com-partilha* da minha dor. Neste Fora primordial, o outro diz quem não sou nesta comunidade que somos sob o Fundo da vida em nós. Com ele, vivemos em *pathos-com*. Assim, a natureza das relações intersubjetivas na *Fenomenologia Material* não deve ser lida, portanto, enquanto relações dadas a partir da representação, mas sim de relações afetivas, passíveis na e pela Afetividade da vida em nós. Em suma, se “vinda a si da vida em cada um de nós como este Si mesmo que somos é o que temos em comum” (HENRY, 2009, p. 228). Assim, de acordo com a *Fenomenologia Material*, nunca devemos partir de uma relação entre *egos*, mas entre *soi(s)*, haja vista que:

Todo o ego pressupõe nele um Si transcendental Vivo. Se todo o Si transcendental – o do outro assim como o meu – é gerado no processo de autogeração da Vida absoluta, no primeiro Si no qual ela se prova e frui a Si Mesma, então o processo que é primeiro. Nele reside a possibilidade última, não apenas de cada Si vivo, mas do ser-com o outro, de todos os Si (s) presentes, passados e futuros. (HENRY, 2002, p. 8)

Mas de que modo poderíamos falar, portanto, de uma experiência da alteridade em que a intencionalidade não desempenhe nenhuma função? (HENRY, 2009, p. 202). A nosso ver, eis, pois, a tarefa de uma fenomenologia do amanhã; todavia, podemos indicar-lhes a partir desse estudo que o *alter ego* visto a partir do monismo ontológico e, em especial, como correlato de uma consciência, apresenta-se enquanto uma forma carente de um conteúdo que só é dado mediante um ser visto como tal pela vista pura da *cogitatio*. Portanto, se continuarmos insistindo na intencionalidade como única forma de acesso ao ser, o poder originário que abre a dimensão da presença de si permanecerá indeterminado.

Pensando nisto, sem pretensão de uma conclusão fechada, procuramos terminar as páginas deste trabalho incitando-lhes a caminhar pelo vasto domínio da *Fenomenologia Material* que nos convida a repensar de novo os fundamentos da experiência da alteridade, conforme nos aponta Furtado, “à luz de uma nova concepção do campo transcendental como imanência radical de um Si que se afeta a si mesmo, e constitui, por esta via, a interioridade da vida egológica” (FURTADO, 2008, p. 231), lembrando-nos sempre de que “a essência da comunidade é Aquilo – não isso – que advém como a incansável vinda de si da vida e, assim, de cada um a si mesmo” (HENRY, 2009, p. 232).

Em suma, acreditamos que uma fenomenologia da alteridade que queira se alicerçar sobre os aportes fenomenológicos da *Fenomenologia da Vida* deve, em primeiro lugar, partir desta manifestação originária de si do ser para, em seguida, compreender que uma comunidade material implica nesta *camada afetiva subterrânea onde todos bebem da mesma fonte neste Fundo sem sabê-lo, sem distinguir-se de si mesmo, do outro nem do Fundo*. Ali somos vidas. Ali vivemos em *pathos-com*. Quiçá, portanto, um primeiro princípio para dita experiência? Diríamos, em consonância com o pensamento de Michel Henry, que “não somos esse polichinelo que teria um pé no ser e outro no nada” (HENRY, 2009, p. 89). Ao contrário, somos uma comunidade de viventes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HENRY, M. *Eux em moi: une phénoménologie*. Porto: IPATI-MUP, 2001.

_____. Prefácio. In: MARTINS, F. *Recuperar o Humanismo - Para Uma Fenomenologia da Alteridade em Michel Henry*. Cascais: Principia, 2002.

_____. *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée, PUF, 2003.

_____. *O Começo cartesiano e a Ideia de Fenomenologia*. Tradução de Adelino Cardoso. Covilhã: LusoSofia, Press, 2008.

_____. *Fenomenología Material*. Tradução de Javier Teixeira y Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.

_____. *Fenomenología de la vida*. Tradução de Mario Lipsitz. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

_____. O que é isso que chamamos vida?. In: MARQUES, R. V.; MANZI FILHO, R. (Org.). *Paisagens da Fenomenologia Francesa*. Tradução de Rodrigo Vieira Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977. Curitiba: UFPR, 2011.

_____. *Filosofia e Fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia Biraniana*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É realizações, 2012.

Comentadores de Michel Henry

ANGULO, J. Fenomenología de la vida. *Universitas philosophica*, Bogotá, n. 37, pp. 113-126, 2001.

FURTADO, J. L. A filosofia de Michel Henry: uma crítica fenomenológica da fenomenologia. *Dissertatio*. Pelotas, vols. 27-28, inverno/verão, pp. 231-249, 2008. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/27-28/27-28-10.pdf>. Acesso em: 28 de Julho de 2019.

GARCÍA-BARÓ, M. Alabanza de Michel Henry. In: HENRY, M. *La esencia de la manifestación*. Traducción de Miguel García-Baró y Mercedes Huarte. Salamanca: Ediciones Sígueme, pp. 05-12, 2015,.

_____. Introducción a la teoría de la verdad de Michel Henry. In: HENRY, M. *Fenomenología material: ensayo preliminar de Miguel García-Baró*. Madrid: Ediciones Encuentro, pp. 09-29, 2009.

WONDRACEK, K. Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010.

ZAHAVI, D. *Husserl and Transcendental Intersubjectivity*. Tradução de E. Behnke. Athens, OH: Ohio University Press, 2001.

Obras de Edmund Husserl

HUSSERL, E. A Ideia da Fenomenologia. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia. Porto: Rés, 2001.

_____. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

Comentadores de Husserl

ALVES, P. Empatia e Ser-para-outrem: Husserl e Sartre perante o problema da intersubjectividade. *Revista Psi: Estudos e Pesquisas em Psicologia* – UERJ, ano 8, n. 2, pp. 334-357, 2008.

BARBOSA, R. A ideia husserliana de fenomenologia. *INCONFIDENTIA: Revista Eletrônica de Filosofia*, Mariana-MG, vol. 2, n. 2, 2014.

CONCEIÇÃO, A. A evolução da concepção de ego transcendental na fenomenologia de Husserl. *Thaumazein*, Santa Maria, ano V, n. 10, pp. 100-117, 2012.

PELIZZOLI, Marcelo. A relação ao outro em Husserl e Levinás. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

SANCHEZ, D. Estranheza e propriedade: a experiência da empatia em Edmund Husserl. *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*, vol. 3, n. 2. pp. 99-111, 2014.

SANTOS, S. Originalidade e precariedade do método fenomenológico husserliano. In: LIMA, ABM. (Org.). *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014.

SMITH, A. D. *Husserl and the Cartesian Meditations*. London: Routledge, 2003.

TOURINHO, C. O exercício da epoché e as variações do transcendente na fenomenologia de Edmund Husserl. *Filosofia Unisinos*, vol. 13, n. 1, pp. 30-38, 2012.

VIEIRA, J. *Redução fenomenológica, idealismo transcendental e intersubjetividade: o problema da quinta meditação cartesiana de Husserl*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2016.

WALDENFELS, B. La experiencia de lo extraño en la fenomenología de Husserl. In: *Escritos de Filosofía*, n. 21-22, pp. 3-20, 1992.

_____. Respuesta a lo extraño. Rasgos fundamentales de una fenomenología responsiva. *Δαιμων. Revista de Filosofía*, 1997.

_____. *Topographie des Fremden: Studien zur Phänomenologie des Fremden*. Vol. 1, Frankfurt: Suhrkamp, 1999.

Recebido em: 14/Mar/2020 - **Aceito em:** 15/Set/2020.